A Focalização do Sujeito e a Inversão Livre no Português Brasileiro

Sandra Quarezemin[1]

[1]Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
sandrajugu@terra.com.br

Abstract. *This paper present a correlation between the subject inversion in Brazilian Portuguese (henceforth BP) and the language parciality in relation to pro-drop parameter. The goal is to show that BP is partial both concerning null subject and concerning subject focalization in postverbal position.*

Keywords. *Focus; subject; inversion; Brazilian Portuguese.*

Resumo. *Este artigo apresenta uma correlação entre a inversão do sujeito no Português Brasileiro (doravante PB) e a parcialidade dessa língua em relação ao parâmetro do sujeito nulo. O objetivo é mostrar que o PB é parcial tanto no que diz respeito ao sujeito nulo quanto no que diz respeito à focalização do sujeito em posição pós-verbal.*

Palavras-chave. *Foco; sujeito; inversão; português brasileiro.*

1. Introdução

O parâmetro *pro-drop* é elaborado como contendo o seguinte conjunto de propriedades: sujeito nulo; inversão livre do sujeito; movimento longo do sujeito a partir de uma ilha-Qu; pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas; aparente violação do filtro *that-t*. Uma língua que se ajusta plenamente ao parâmetro apresenta irrestritamente todas essas propriedades; o oposto complementar se aplica a uma língua não *pro-drop*. Se consideramos a propriedade da inversão livre como uma estratégia para focalizar o sujeito, podemos entender por que o italiano, o espanhol e o português europeu focalizam o sujeito em posição pós-verbal, enquanto o inglês e o francês nunca o fazem.

Estudos sobre o português brasileiro apontam que é muito saliente o preenchimento da posição de sujeito por um pronome, exceto quando o sujeito é expletivo, isto é, o PB é considerado uma língua de sujeito nulo parcial. Quando se trata do sujeito interpretado como foco de informação, às vezes ele é focalizado antes do verbo e outras vezes depois, a focalização pós-verbal sendo a mais restrita. Este estado de coisas permite apontar uma simetria relacionando as duas propriedades em questão: o PB é parcial tanto no que diz respeito ao sujeito nulo quanto no que diz respeito à focalização do sujeito em posição pós-verbal. Nosso objetivo é mostrar que esta correlação é previsível se o sujeito nulo e a inversão livre são duas propriedades do mesmo parâmetro.

2. Parâmetro do sujeito nulo

A teoria gerativa postula a existência de uma Gramática Universal (GU) geneticamente determinada que é formada por um conjunto de princípios e parâmetros lingüísticos (Chomsky, 1981). Os princípios são invariantes através das línguas, são universais, enquanto os parâmetros têm os seus valores (+/- ou 1/0) fixados no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua. Por isso, os parâmetros podem variar de uma língua para outra.

Um dos princípios estudados pela teoria gerativa foi o Princípio de Projeção Estendido (EPP - *Extended Projection Principle*) que afirma que toda sentença deve ter sujeito. As línguas românicas que apresentam a possibilidade de sujeito nulo estariam, em princípio, violando o EPP. Dessa forma, foi postulado um sujeito nulo pronominal (*pro*), cuja identificação é feita por meio da concordância verbal.

O parâmetro *pro-drop* foi proposto para explicar as diferenças entre as línguas que permitem sujeito nulo e as que não permitem. As línguas que fixaram um valor positivo para este parâmetro, como o caso do italiano, apresentam um conjunto de propriedades estabelecidas por Chomsky (1981:240):

I) Sujeito nulo:

(1) a. Ha telefonato.
b. *Has phoned.

II) Inversão livre do sujeito em sentenças matrizes:

(2) a. Ha telefonato Gianni.
b. *Phoned John.

III) Movimento longo do sujeito saindo de uma ilha QU-:

(3) a. L'uomo [che mi domando [chi *t* abbia visto]].
b. *The man [that I ask myself [whom *t* has seem]].

IV) Pronome resumptivo nulo em sentenças encaixadas:

(4) a. Ecco la ragazza$_i$ [che mi domando [chi crede [che t$_i$ possa fare questo]]].
b. *So the girl$_i$ [that I ask myself [that believe [that t$_i$ can do this]]].

V) Aparente violação do filtro *that-t*:

(5) a. Chi$_i$ credi [che t$_i$ partirà]?
b. *Who$_i$ do you think [that t$_i$ will leave]?

Partindo destas propriedades, verificamos que as línguas que não apresentam sujeito nulo, como o inglês, não aceitam a inversão livre do sujeito, não realizam movimento longo do sujeito a partir de uma ilha QU-, não permitem a presença de um resumptivo nulo nas sentenças encaixadas e não apresentam violação do filtro *that-t*.

À parte este conjunto de propriedades, o elemento da concordância (Agr) era visto como o fator principal na distinção das línguas de sujeito nulo das línguas de sujeito obrigatório. Nas línguas com um paradigma verbal rico, como o italiano, a

concordância possibilita a recuperação do sujeito nulo, uma vez que é capaz de identificá-lo. Com a publicação do trabalho de Huang (1984), que apresenta o chinês como uma língua de sujeito nulo, mesmo tendo um sistema flexional simplificado, a concordância, como um elemento identificador das línguas de sujeito nulo, deixa de ser o fator determinante para a marcação do parâmetro.

2.1. O PB como língua *pro-drop* parcial

Na seção anterior mostramos as propriedades que constituem as línguas de sujeito nulo. As línguas de sujeito nulo permitem que a posição destinada ao sujeito não seja preenchida e, assim, dispõem da inversão livre do sujeito. Segundo Roberts (1996), o italiano permite sujeito nulo porque os sufixos flexionais do verbo recuperam a especificação de pessoa e número do pronome sujeito. O inglês não apresenta uma morfologia verbal que recupere o conteúdo do sujeito como a do italiano, portanto, não licencia sujeito nulo.

O paradigma flexional do PB, ao contrário do do italiano e do português europeu (PE), encontra-se simplificado. Este paradigma, que no início do século XIX apresentava seis formas distintivas (cf. Duarte 1996), como em (6a), atualmente apresenta apenas três formas de concordância, como em (6b):

(6)

a.	b.
eu fal-o	eu fal-o
tu fal-as	você fal-a
ele(a) fal-a	ele(a) fal-a
nós fal-amos	a gente fal-a
vós fal-ais	vocês fal-am
eles(as) fal-am	eles(as) fal-am

A substituição da segunda pessoa do singular *tu* e do plural *vós* pela segunda pessoa indireta *você(s)*, e a substituição do pronome de primeira pessoa do plural *nós* pela expressão *a gente*, enfraquece o sistema flexional do PB. Com um paradigma flexional reduzido, o sujeito passa a ser cada vez mais pleno nesta língua, pois, caso a sua posição não seja preenchida, a concordância verbal pode não recuperá-lo na sentença.

Duarte (1996) verifica que, devido ao enfraquecimento do sistema flexional e pronominal no PB, o sujeito nulo apenas ocorre com a 3ª pessoa na modalidade escrita (cf. o gráfico 4, p. 116). Os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas são representados cada vez mais pelo pronome lexical e um nome (cf. os gráficos 2 (p. 113) e 3 (p. 115)). A redução do paradigma flexional não mais possibilita a identificação do pronome nulo *pro* em posição de sujeito. Desta forma, a possibilidade de sujeito nulo na 3ª pessoa não é livre, uma vez que deve haver no contexto um referente que possa identificar o *pro*.

Na modalidade oral, há uma queda do sujeito nulo com 3ª pessoa e um aumento expressivo no uso do sujeito pleno. Na peça analisada pela autora, referente ao ano de 1992, os sujeitos nos casos de 3ª pessoa eram todos nulos no texto escrito. A análise da gravação desta peça mostra uma diminuição de 13% do sujeito nulo de 3ª pessoa. Nos casos de 1ª pessoa a queda foi de 10% e nos casos de 2ª nenhuma diferença significativa ocorreu.

O PB hoje está passando por uma fase de transição de uma língua *pro-drop* para não *pro-drop*. De acordo com Duarte (1996:123), a simplificação no paradigma flexional alterou as características de língua *pro-drop* que o PB apresentava no início do século XIX. Atualmente é visto como uma língua *pro-drop* parcial, na qual o sujeito nulo ainda se mantém apenas na escrita.

2.2. Inversão livre do sujeito

As línguas românicas classificadas como *pro-drop* apresentam, conforme as propriedades do parâmetro de sujeito nulo, a possibilidade de manter o sujeito em posição pós-verbal, originando as construções conhecidas por *inversão livre*, como no caso do italiano (7a), do português europeu (7b) e do espanhol (7c).

(7) a. Ha telefonato Gianni.
b. Telefonou João.
c. Ha llamado Juan.

O PB parece se afastar destas línguas no que diz respeito às construções de inversão livre. Seguindo o conjunto de propriedades proposto por Chomsky (1981) como característico das línguas de sujeito nulo, verificamos que o PB não se comporta como uma língua *pro-drop* prototípica, sendo considerado por alguns autores uma língua *pro-drop* parcial (Duarte 1996, Kato 1999). Esta parcialidade resulta da alta freqüência de sujeito preenchido e do baixo número de sujeito nulo na modalidade falada.

A partir das sentenças abaixo, Kato & Tarallo (1993) constatam que a inversão livre não funciona em uma língua como o PB ou, pelo menos, que ela deve obedecer algumas restrições (os exemplos que seguem correspondem aos exemplos (5a,b) do texto dos autores).

(8) a. *Tomaram muitas cervejas os professores.
b. *Enviou-lhe muitos beijos o Romeu.

Os autores verificam que o PB apresenta a restrição de mono-argumentalidade que possibilita que o sujeito esteja posposto ao verbo apenas com verbos de um argumento, como os inacusativos e os intransitivos, exemplos (9a) e (9b), respectivamente.

(9) a. Chegou um telegrama pra você.
b. Viajou atrás de mim uma pequena criança.

A maioria das pessoas que pesquisa o comportamento do sujeito no PB, segue a restrição de mono-argumentalidade e aceita que o sujeito apareça em uma posição pós-verbal somente nos contextos em que o verbo é inacusativo ou intransitivo. Contudo, Pilati (2002) fornece exemplos em que o verbo apresenta um argumento interno realizado e um sujeito pós-verbal, revelando a ordem VOS.

De acordo com a autora, a seqüência VOS deve ser dividida em três grupos: o primeiro contém sentenças com verbo transitivo e o sujeito não é modificado por um

operador foco, como em (10); o segundo apresenta sentenças com verbo transitivo e o sujeito modificado por um operador foco *só*, como em (11); o terceiro engloba sentenças contendo verbo-leve, como em (12).

(10) a. Tem a palavra a Senadora Heloísa Helena.
b. Merece destaque a nova seção deste jornal.
c. Pega fogo a disputa eleitoral no São Paulo Futebol Clube.
d. Vence a partida quem permanecer em jogo depois que os demais forem desclassificados.

(11) Só responderam a chamada os alunos do fundão.

(12) a. Tomou posse o Ministro da Agricultura.
b. Também faz parte do programa a professora Renata Silva.

Os dados de Pilati são exemplos de sentenças apresentativas as quais revelam que a restrição de mono-argumentalidade não deve ser vista como o único fator capaz de permitir a inversão do sujeito no PB. Conquanto, ressaltamos que realmente ocorre com mais freqüência na língua a inversão do sujeito com verbos mono-argumentais.

Pilati (2002) questiona o fato de o sujeito pós-verbal estar topicalizado e em adjunção nas construções em que ele aparece à direita do verbo, pois, em muitos contextos, o sujeito não é interpretado como tópico e está dentro da sentença, não em adjunção. A autora (p.38-39) cria uma situação discursiva na qual uma moça pergunta à sua costureira se as roupas que ela encomendou estão prontas, como em (13A), e a costureira responde com (13B):

(13) A: Quais as minhas roupas que estão prontas?
B: Só tá pronto o vestido azul. (as outras peças não estão prontas)

Em (13B), o operador foco *só* tem escopo sobre o sujeito pós-verbal, por isso, não há como afirmar que o sujeito esteja deslocado à direita nem que ele tenha a interpretação de tópico. Até mesmo porque neste contexto o sujeito é a informação não pressuposta, o foco. Dessa forma, a única posição disponível para o sujeito posposto é o especificador de FocP acima de VP.

Nos contextos de sentenças apresentativas a inversão ocorre sem restrições quanto ao tipo de verbo e definitude do DP posposto. A discussão a respeito do sujeito pós-verbal no PB, bem como os dados avaliados, revela que contrário ao que a maioria das propostas teóricas gerativas defendem, a ocorrência de sujeitos pós-verbais não está restrita aos verbos mono-argumentais. Dependendo da função semântica e sintática, o sujeito pode ser licenciado em posição pós-verbal, independentemente de ser definido ou não, e de o verbo apresentar um ou mais argumentos realizados fonologicamente.

3. Focalização do sujeito e a inversão

O sujeito interpretado como foco de informação pode aparecer em posição pré-verbal no PB em sentenças com verbos inacusativos, intransitivos e transitivos, como ilustram os exemplos (14-16), respectivamente:

(14) a. Quem chegou?
b. [$_F$ A Joana] chegou.

(15) a. Quem telefonou?
b. [$_F$ A Joana] telefonou.

(16) a. Quem beijou o João?
b. [$_F$ A Joana] beijou o João.

Os exemplos em (14-16) mostram que a pressão que faz o sujeito se posicionar depois do verbo em outras línguas românicas não atua com a mesma força no PB onde ele pode permanecer antes do verbo. Nossa hipótese é que esta posição é o especificador de IP, a única posição A pré-verbal, e para dar suporte a ela temos de mostrar que o sujeito não está na periferia esquerda da sentença. Para tanto, consideremos (17):

(17) a. Quem ontem chegou tarde?
b. Ontem [$_F$ o Pedro] chegou tarde.
c. #[$_F$ O Pedro] ontem chegou tarde.

A inserção de um advérbio como *ontem* entre o sujeito e o verbo em (17c) torna a resposta inadequada para a pergunta (17a). Se o sujeito é lido como foco de informação, o advérbio não pode ser inserido entre ele e o verbo. Caso isso ocorra, o sujeito ocupará uma posição no domínio CP e a sentença não poderá ser empregada em um contexto de pergunta-Wh. Se, por outro lado, o advérbio *ontem* aparece mais à esquerda, como em (17b), indicando que o sujeito está em Spec de IP, a resposta é adequada. Assim, o posicionamento do advérbio e do sujeito contribui para mostrar que o sujeito de informação se encontra em Spec de IP e não na periferia esquerda da sentença.

Não sendo foco de informação, o sujeito pode figurar na periferia esquerda da sentença, como vemos em (18):

(18) a. O Pedro, ontem ele chegou às duas.
b. Não, [$_F$ a Maria] ontem chegou às duas.

Em (18a), o sujeito topicalizado *o Pedro* figura em uma posição na periferia esquerda da sentença. Por isso, não há nenhum problema no fato de o advérbio estar entre o sujeito e o verbo. Coisa semelhante acontece em (18b) onde o DP *a Maria* é interpretado como foco contrastivo, corrigindo a informação de que o Pedro tenha chegado às duas. Generalizando, vemos que o sujeito das sentenças que contêm verbos lexicais pode ser naturalmente focalizado em posição pré-verbal, posição que presumimos ser a posição A de Spec de IP.

Entretanto, como faz notar Mioto (2005), fatos novos surgem para a focalização do sujeito quando o verbo da sentença é *ser*. Neste caso, precisamos distinguir entre sentenças copulares predicativas, como (19a), equativas (19b), pseudoclivadas (19c), clivadas (invertidas) (19d) e aquelas em que a cópula é, por assim dizer, um operador de focalização (19e):

(19) a. Maria é feliz.
b. O músico é o meu vizinho.
c. Quem cantou foi o músico.

d. O músico foi que cantou.
e. *O músico foi.

Em sentenças predicativas, como (19a), o sujeito é naturalmente focalizado antes da cópula. Assim, (19a) é uma resposta adequada para (19'a):

(19') a. Quem é feliz?
b. Quem é o teu vizinho?
c. Quem cantou?

Esta é a situação em que uma sentença copular mais se aproxima das sentenças com verbos lexicais (em especial verbos transitivos) no que diz respeito à focalização do sujeito.

Já as copulares equativas exibem um certo grau de afastamento das predicativas porque as primeiras reservam preferencialmente a posição pós-cópula para o foco de informação, embora ainda aceitem um foco de informação antes da cópula. Assim, a resposta preferencial para (19'b) não é (19b), mas (20), com o foco depois da cópula:

(20) O meu vizinho é [$_F$ o músico].

E, por fim, as copulares (19c-e) se comportam de forma a não tolerar que o foco de informação preceda a cópula. Em primeiro lugar, a pseudoclivada (19c) responde a pergunta (19'c), mas o foco vem depois da cópula. Se vem antes, como na pseudoclivada invertida em (21), não teremos uma resposta adequada para a pergunta, pois o foco *o músico* deve implicar contraste ou exaustividade.

(21) [$_F$ O músico] foi quem cantou.

Como tal, o foco não estará ocupando a posição Spec do IP matriz.

Em segundo lugar, a clivada invertida em (19d), que tem o foco antes da cópula, também não é uma resposta adequada para a pergunta (19'c) e a razão é a mesma apontada para as pseudoclivadas invertidas. Entretanto, a clivada ordinária em (22), com o constituinte clivado depois da cópula, também não responde adequadamente a pergunta.

(22) Foi [$_F$ o músico] que cantou.

Esta impossibilidade parece ser uma propriedade das clivadas.

Em terceiro lugar, a sentença copular em (19e) é agramatical com o foco antes da cópula. Para responder a pergunta (19'c) o foco tem que vir após a cópula, como em (23):

(23) Foi [$_F$ o músico].

Generalizando, vamos admitir que a forma de focalização nos três últimos casos (19c,d,e) é diferente da dos dois primeiros porque a cópula que aparece naquelas sentenças tem uma função específica que é (fazer parte do aparato para) focalizar. No caso mais claro de (19a), com certeza a função da cópula é predicar e o sujeito pode ser focalizado em Spec de IP. No caso da equativa em (19b), a dupla possibilidade deve ser creditada à duplicidade de função da cópula, que pode ser especificar ou predicar.

O sujeito interpretado como foco de informação pode ainda aparecer posposto em sentenças com verbos mono-argumentais, como em (24) e (25):

(24) a. Quem chegou?
b. Chegou [$_F$ o Pedro].

(25) a. Quem telefonou?
b. Telefonou [$_F$ o Pedro].

Em se tratando dos verbos que contêm apenas um argumento, seja o verbo inacusativo ou intransitivo, verificamos que o PB apresenta uma opcionalidade entre manter o sujeito focalizado em posição pré-verbal ou pós-verbal.

Nas sentenças com verbos transitivos, o sujeito dificilmente aparece em posição pós-verbal. Por isso, ele normalmente é focalizado antes do verbo transitivo em PB, e caso isso não ocorra a sentença é agramatical, como ilustra (26c-e).

(26) a. Quem comprou o carro?
b. [$_F$ A Joana] comprou o carro.
c. *Comprou o carro [$_F$ a Joana].
d. *Comprou [$_F$ a Joana] o carro.
e. *O carro comprou [$_F$ a Joana].

O contraste entre (26b) e (26c-e) indica que a sentença com verbo transitivo e posposição do sujeito focalizado é agramatical, independentemente de o objeto estar entre o verbo e o sujeito (26c) ou não (26d) e de ele aparecer no início da sentença (26e).

O único contexto em que o sujeito interpretado como foco de informação aparece depois do verbo transitivo ocorre quando temos sentenças apresentativas, cuja informação relevante, não pressuposta, aparece sempre no final. Neste contexto, o locutor nada mais faz do que apresentar alguém, como ilustra (27).

(27) a. E agora, anima o público, [$_F$ o palhaço Biriba].
b. Vai cortar o bife [$_F$ o açougueiro].

As sentenças apresentativas foram analisadas por Pilati (2002), conforme verificamos anteriormente, como contextos de inversão. Segundo a autora, temos três tipos de inversão: a narrativa, como em (28a); a inversão locativa que apresenta um PP locativo em posição inicial, como em (28b); e um contexto de inversão que ocorre quando o operador foco como *só* tem escopo sobre o sujeito, como em (28c).

(28) a. Abre o placar [$_F$ o time do Palmeiras].
b. No shopping da trindade, comem pizza [$_F$ os universitários].
c. Só responderam a chamada [$_F$ os alunos da primeira série].

Pilati (2002:66) propõe que as sentenças com verbos transitivos ocorrem em contextos apresentativos porque "o verbo e o objeto se combinam e formam uma forma verbal complexa, uma única unidade semântica". Essa combinação do verbo e do objeto

possibilita que o sujeito seja focalizado em posição pós-verbal. O que a autora está propondo é que a seqüência VO sofre topicalização remanescente interna ao IP, como Belletti (2001) propõe para os casos em que VOS ocorre em italiano.

4. Considerações finais

Levando em consideração o exposto, observamos que o PB se distancia das línguas românicas como o português europeu, italiano e espanhol, as quais focalizam o sujeito em posição pós-verbal em sentenças com verbos transitivos, e aproxima-se do francês, visto que essa língua permite a focalização do sujeito posposto apenas quando ocorre inversão estilística. Os dados apresentados neste artigo corroboram com o fato de que o PB é uma língua *pro-drop* parcial que apresenta inversão do sujeito também de um modo parcial. Devido à parcialidade da inversão em PB, o sujeito apenas é focalizado em posição pós-verbal quando a sentença contém verbos mono-argumentais ou tem função apresentativa.

5. Referências bibliográficas

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area, ms, Università di Siena, 2001.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht : Foris, 1981.

DUARTE, M. E. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1996.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, 15, pp. 531-575, 1984.

KATO, M. Strong and weak pronominals and null subject parameter. *PROBUS*, vol 11, nº 1, 1999, p. 1-38.

_____. & TARALLO, F. The loss of VS syntax in Brazilian Portuguese. In: I. V. Koch & B. Schliebe-Lange (orgs) *Linguistik in Bresil*. Tübingen : Nyemeyer, 1993.

MIOTO, C. *no prelo,* 2005.

PILATI, E. *Sobre a Ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB, 2002.

ROBERTS, I. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: I. Roberts, M. Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da UNICAMP, 1996.